

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Face Nua do Regime Iraniano

Publicado em 2026-03-15 11:09:59



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

instrumentalização religiosa e militarização ideológica do Estado.

- Missões e organismos internacionais têm documentado execuções em massa, tortura, detenções arbitrárias e perseguição sistemática de opositores.
- A repressão sobre mulheres, dissidentes, minorias étnicas e activistas tornou-se uma engrenagem estrutural de poder.
- A ameaça de eliminação física de adversários externos revela a natureza terrorista e desumanizada do aparelho do regime.
- Pôr termo a esta máquina de medo é um imperativo moral para o mundo e, acima de tudo, um acto de libertação para o povo iraniano.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há regimes que já não governam: sequestram. Já não administram: aterrorizam. Já não representam um povo: aprisionam-no, usam-no e sacrificam-no no altar de uma ideologia do medo.

Quando um aparelho armado ligado ao poder iraniano proclama que vai “caçar e matar” o chefe de governo de outro Estado, a máscara cai. Cai de forma ruidosa, brutal, quase pedagógica. E o que fica à vista não é uma potência incompreendida, nem uma civilização em conflito com o Ocidente, nem uma sensibilidade geopolítica alternativa. O que fica exposto, nu e cru, é um regime que fez da ameaça, da intimidação, da eliminação e do fanatismo uma técnica de governação.

Durante demasiado tempo, uma parte do mundo preferiu olhar para Teerão com as lentes deformadas do relativismo político. Uns por cobardia. Outros por cálculo. Outros ainda por aquele vício burguês e confortável de chamar “complexidade” a tudo aquilo que não se quer condenar com clareza. Mas há momentos em que a realidade rasga o pano e grita. E quando grita, já não há diplomacia semântica que esconda o essencial: um regime que reprime o seu povo com

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O regime iraniano não vive apenas da polícia, dos tribunais e da máquina administrativa. Vive, acima de tudo, da engenharia do medo. Medo das mulheres livres. Medo dos jovens insubmissos. Medo dos jornalistas. Medo dos artistas. Medo da crítica. Medo da alegria. Medo da modernidade. Medo da simples ideia de que um povo possa querer viver sem tutela clerical, sem milícias ideológicas e sem castigos morais impostos por homens convencidos de que Deus lhes passou procuração exclusiva sobre o destino da sociedade.

É por isso que a repressão no Irão não é um acidente. Não é um excesso pontual. Não é um desvio corrigível. É arquitectura de poder. É método. É sistema. O terror ali não surge quando o regime falha; surge precisamente quando o regime funciona como foi desenhado para funcionar.

Mulheres, dissidentes e minorias: o inimigo interno permanente

Nenhum regime totalitário sobrevive sem fabricar inimigos internos. No caso iraniano, esses inimigos têm rosto humano muito concreto: mulheres que recusam a humilhação institucionalizada, jovens que exigem futuro, minorias étnicas tratadas como corpos descartáveis, activistas, defensores de direitos humanos, professores, artistas,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

dissidência em pecado, a liberdade em ameaça e a dignidade em delito. O que devia ser um direito passa a ser criminalizado. O que devia ser pluralismo passa a ser conspiração. O que devia ser cidadania passa a ser tratado como subversão. Assim se fabrica uma sociedade cativa, aterrorizada e disciplinada pela ameaça permanente de prisão, tortura, execução ou ostracismo social.

A máquina da morte como instrumento político

Um dos traços mais repugnantes desta ordem política é a naturalização da morte judicial e parajudicial. A execução, no Irão, não é apenas uma pena: é uma mensagem. Serve para semear medo, esmagar protestos, disciplinar comunidades inteiras e lembrar ao país que o Estado pode tirar a vida com a mesma facilidade com que redige um decreto.

Quando as execuções se multiplicam, quando os julgamentos são obscuros, quando as confissões surgem sob tortura, quando os alvos recaem desproporcionalmente sobre dissidentes e minorias, já não estamos perante justiça. Estamos perante uma máquina de terror com carimbo oficial.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

projecta para fora a sua cultura de guerra ideológica, ameaça e desestabilização. Um poder que fala em perseguir e matar líderes estrangeiros não está apenas a usar retórica inflamada. Está a revelar a sua gramática profunda: a política entendida como intimidação, a soberania entendida como licença para o fanatismo, e a violência entendida como linguagem legítima da História.

Há regimes que procuram reconhecimento internacional. Este procura temor. Há regimes que desejam prosperidade. Este precisa de conflito. Há regimes que tentam integrar-se no concerto das nações. Este alimenta-se da ruptura, da milícia, da ameaça e da sacralização da hostilidade.

O povo iraniano merece ser libertado do seu carcereiro

Importa dizê-lo com toda a frontalidade: denunciar o regime iraniano não é atacar o povo iraniano. É exactamente o contrário. É recusar a infâmia de confundir uma civilização antiga, rica e extraordinária com os homens que a sequestraram. O Irão é muito maior do que esta teocracia armada. O seu povo é muito maior do que os seus carcereiros.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

cidadãos exaustos da chantagem religiosa e do policiamento moral não são o regime. São, na verdade, as primeiras vítimas dele.

Por isso, pôr fim a esta estrutura de terror não seria uma punição infligida ao Irão. Seria uma libertação histórica do Irão. Seria devolver ar a uma sociedade estrangulada. Seria permitir que uma grande nação deixasse de ser governada por uma mistura tóxica de clericalismo, repressão e militarização ideológica.

O erro trágico do apaziguamento

Durante décadas, o mundo livre apostou demasiadas vezes na ilusão do apaziguamento. Reuniões, rondas negociais, apelos à contenção, ambiguidades calculadas, linhas vermelhas desenhadas a lápis e apagadas ao primeiro sopro. O resultado está à vista: o regime endureceu, refinou os mecanismos de repressão, ampliou a cultura de impunidade e continuou a apresentar-se, com notável cinismo, como vítima do sistema internacional.

Há uma verdade incómoda que demasiados líderes recusam encarar: há poderes que interpretam a moderação do adversário não como virtude, mas como fraqueza. Há sistemas que usam o diálogo apenas como tempo de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Pôr termo, por humanidade

Um regime destes deve ter fim. Não por vingança. Não por paixão destrutiva. Não por ódio étnico, religioso ou civilizacional. Mas por humanidade. Porque um sistema que transforma o medo em governo, a morte em pedagogia e a ameaça em diplomacia deixou de ser apenas um problema nacional: tornou-se uma ofensa permanente à dignidade humana.

O mundo civilizado não tem obrigação de se resignar à existência indefinida de uma máquina estatal construída sobre tortura, perseguição, repressão e violência ideológica. E o povo iraniano, sobretudo esse povo, não tem obrigação de continuar refém de uma estrutura que lhe roubou décadas de liberdade, prosperidade e normalidade histórica.

A verdadeira paz para o Irão não nascerá da preservação deste regime. Nascerá do seu fim. Da sua substituição por uma ordem política onde viver não seja um acto de medo, onde pensar não seja um risco, onde ser mulher não seja um delito, onde discordar não seja uma sentença e onde o Estado deixe finalmente de se comportar como uma seita armada com bandeira.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

soberania digna, nem a de uma alternativa moral ao Ocidente. É a face de um poder que oprime o seu povo, ameaça os seus inimigos, glorifica a intimidação e se sustenta numa cultura política de medo e submissão.

E por isso a conclusão impõe-se, sem floreios, sem desculpas e sem meias-tintas: o mundo não deve ajudar este regime a sobreviver; deve ajudar o povo iraniano a sobreviver-lhe.

Epílogo

Há poderes que ainda se mantêm de pé não porque tenham legitimidade, mas porque o mundo tem hesitado demasiado tempo em chamá-los pelo nome. O regime iraniano é um deles. E cada dia em que continua a respirar é mais um dia roubado à liberdade do seu povo e mais um dia oferecido ao medo no mapa do mundo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

2. United Nations / UN Human Rights mechanisms — relatórios e comunicações da missão internacional de apuramento de factos sobre a repressão no Irão, incluindo conclusões sobre homicídio, tortura, violação e perseguição de género.
3. Amnesty International — relatórios e comunicados sobre a escalada das execuções, julgamentos injustos e uso da pena de morte como instrumento de repressão estatal.
4. Human Rights Watch — relatórios de 2025 e 2026 sobre a vaga de execuções, repressão de dissidentes e impacto desproporcionado sobre minorias e grupos vulneráveis.
5. Reuters / Nações Unidas — dados sobre o aumento das execuções em 2024 e condenações internacionais à deriva repressiva do regime.

Francisco Gonçalves • Fragmentos do Caos

Texto desenvolvido em co-autoria com **Augustus Veritas**, para defesa da lucidez moral contra a barbárie travestida de Estado.

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

[• Ebooks](#)

[• Carrossel](#)



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.